

ENTRE SILÊNCIOS, NOITES E MORTES: AS ARREBENTAÇÕES DO  
POEMA “PELA NOITE DE BARULHOS ESPAÇADOS...”,  
DE MÁRIO DE ANDRADE

Fernando de Moraes Gebra<sup>1</sup>

Cristiane Nunes Borges<sup>2</sup>

Emanuelle Schok Melo da Silva<sup>3</sup>

Fernanda Burgath<sup>4</sup>

Luzia de Fátima Gorski<sup>5</sup>

Quando João Luiz Lafetá discorre acerca do projeto estético-ideológico de Mário de Andrade, o crítico problematiza, sobretudo na produção poética do autor de *Macunaíma*, a presença de máscaras como resultado da direção tomada por Mário no tratamento da linguagem e na visão de mundo expressa em cada um dos seus livros de poesia. Quanto maior o conflito, maior é a tensão que se dá na linguagem. E nessa visão de mundo, decorrente da relação sujeito, língua e nação, as relações literatura e sociedade fazem-se presentes.

### Biografia

1 Doutor-UEPG

2 Graduanda-UEPG

3 Graduanda-UEPG

4 Graduanda-UEPG

5 Graduanda-UEPG

O método teórico-crítico de Lafetá toma por base o discurso de Antonio Candido, seu orientador no estudo sobre o projeto de uma crítica literária dos anos trinta e sobre as imagens na poesia de Mário de Andrade, este último essencial para o nosso ensaio. Na visão de Candido, a análise de um texto literário não pode prescindir do seu contexto. Há, para o referido crítico, uma “interpretação dialética íntegra” (1973, p.4), com contribuições da crítica historicista e da crítica estruturalista. “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (1973, p.4).

Em *Figuração da intimidade*, Lafetá expõe as bases de sua atividade analítica para os poemas de Mário de Andrade. Para a análise da estrutura literária das imagens dos poemas, o autor recorre a Northrop Frye, para

em seguida, examinar os conflitos e inquietudes do indivíduo, com o auxílio da psicanálise freudiana e com as teorias de Bachelard, para posteriormente, relacionar a construção de identidade do sujeito com as questões sociais envolvidas nesses conflitos. “(...) e para isso utilizo uma gama variada de autores, nem sempre convergentes em suas posições teóricas, mas sempre preocupados com as relações entre literatura e sociedade” (1986, p.34).

Destaca-se, no método de Lafetá, as relações literatura e sociedade preconizadas por Antonio Candido, que considera o elemento social “como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo” (1973, p.7). Dito de outra forma, as questões sociais podem ser apreendidas no exame minucioso da estrutura textual, onde o “*externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica para ser apenas crítica” (1973, p.7). Dessa forma, “o elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos e outros” (1973, p.7).

No poema “Pela noite de barulhos espaçados...”, escrito em junho de 1929 e publicado em 1930 no conjunto de *Remate de Males*, ao lado das crises internas do sujeito, avultam as relações sociais e políticas presentes na estrutura do poema, sobretudo a crise financeira de 1929, como indica a data que se subscreve ao título, isto é, junho de 1929. Essa crise ocorreu devido à quebra da bolsa de valores de Nova Iorque.

A crise de 1929 foi o maior desastre da história capitalismo no século XX e representou uma devastação da economia mundial, trazendo tristes conseqüências aos EUA, a alguns países europeus e ao Brasil, que mantinha a liderança capitalista pela indústria cafeeira. Tal crise veio acompanhada da fase chamada de “Grande Depressão”. Os resultados desse acontecimento foram a pobreza generalizada das massas, uma drástica desvalorização e a aniquilação de capitais e mercadorias.

Como já é sabido, evidente é a preocupação de Mário de Andrade, encontrada diante da leitura de suas obras, na construção da sua identidade nacional, o que engloba todo um contexto e um sentimento popular, brasileiro, através da história do país. Seu lirismo é bastante apelativo neste poema, onde o autor retrata através da sua, a dor da preocupação de um brasileiro vivendo numa época de crise econômica, de futuro duvidoso e no espaço entre duas grandes guerras mundiais.

Pela noite de barulhos espaçados...  
(Junho de 1929)

Pela noite de barulhos espaçados,  
Neste silêncio que me livra do momento

E acentua a fraqueza do meu ser fatigadíssimo,  
Eu me aproximo de mim mesmo  
No espanto ignaro com que a gente se chega pra morte.

Meu espírito ringe cruzado por dores sem nexo,  
Numa dor unida, tão violentamente física,  
Que me sinto feito um joelho que dobrasse.  
A luz excessiva do estúdio desmancha a carícia do objeto,  
Um frio de vento vem que me pisa talqual um contacto,  
Tudo me choca, me fere, uma angústia me leva,  
Estou vivendo idéias que por si já são destinos  
E não escolho mais minhas visões.  
A aparência é de calma, eu sei. Dir-se-ia que as nações vivem em paz...  
Há um sono exausto de repouso em tudo,  
E uma cega esperança, cantando benditos, esmola  
Em favor dos homens algum bem que não virá...  
Me sinto joelho. Há um arrependimento vasto em mim.  
Eu digo que os séculos todos  
Se atrasaram propositalmente no caminho,  
Me esperaram, e puxo-os agora como boi fatal.  
Me sinto culpado de milhões de séculos desumanos...  
Milhões de séculos desumanos me fizeram, fizeram-te, irmão;  
E pela noite de barulhos espaçados  
Não quero escutar o conselho que desce dos arranha-céus do norte!  
Eu sei que teremos um tempo de horror mais fecundo  
Que as rapsódias da força e do dinheiro!

Será que nem uma arrebenção...  
Os postos isolados das cidades  
Se responderão em alarmas raivacentos,  
Saídos das casas iguais e da incúria dos donos da vida.  
Havemos de ver muitos manos passando a fronteira,  
Haverá pão grátis muito duvidoso,  
As salas de improviso se encherão de discussões apaixonadas  
Mortas no dia seguinte em desastres que não sei quais.  
Será tempo de esforço caudaloso,  
Será humano e será também terribilíssimo...  
Só há de haver mulheres que não serão mais nossas mulheres.  
Os piás hão de estar sem confiança catalogados na fila,  
E os homens morrerão violentamente  
Antes que chegue o tempo da velhice.

O poema organiza-se em três estrofes, seguindo um percurso da sonolência para o despertar, do silêncio para o barulho, da calma para agitação, do repouso

para o movimento.

Na primeira estrofe, o momento é de sossego, reflexão, como se fosse uma fuga de todos os acontecimentos que estavam ocorrendo no tempo da enunciação (junho de 1929). É como se o enunciador estivesse tentando esconder uma dor ensurdecadora e não quisesse pensar no futuro, como podemos perceber no verso 5: “No espanto ignaro com que a gente se chega pra morte.” A pulsão de morte é associada à dimensão da noite.

No *Dicionário de Símbolos*, encontramos a figura *morte* relacionada ao verbete *iniciação*. A iniciação implica em fazer morrer, num processo de metamorfose ou transformação. “É um rito de passagem, que simboliza o nascimento de um novo ser” O Neófito, para superar sua condição profana, opera um novo nascimento, penetra na noite e, mesmo vivendo neste mundo profano, penetra na eternidade, acedendo a uma vida nova (2001, p.506).

Com relação à figura da *noite*, imagem homologada à pulsão de morte no poema de Mário de Andrade, pode-se dizer que

a noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação da vida (...) Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida (2001, p.640).

Tem-se, pois, no poema de Mário de Andrade, a morte ou o encerramento de um ciclo nas duas primeiras estrofes e o prenúncio de um novo tempo, que começa a se delinear por detrás da aparência de calma. É na noite de barulhos espaçados que germina um novo ser, uma nova identidade, que é ao mesmo tempo a do sujeito e a da nação. Para que surja algo novo, é preciso que morram os “milhões de séculos desumanos”, figura reiterada nos versos 17 e 18 da segunda estrofe.

A segunda estrofe é marcada por todo um sentimento de fraqueza do enunciador, que nada pode fazer para melhorar a situação atual, o que o faz sentir-se como um condenado à morte que não tem opção alguma para o seu destino. No plano social, a decadência do Brasil pós-crise era totalmente previsível, uma vez que nosso país dependia do capital norte-americano. A dor do eu-lírico, essa agudeza da sua dor, melhor se referindo, é descrita na metonímia “me sinto feito um joelho que quebrasse”, para trazer ao leitor a imaginação de algo que causaria um marcante sofrimento. Este sentimento também surge na harmonia imitativa de uma dor aguda no verso 2, usando a vogal /i/ para descrevê-la: “Numa dor unida, tão violentamente física”.

O enunciador observa a situação em que está circunscrito. O eu-lírico mistura-se a ela, partindo de suas inquietações íntimas para expor seu posicionamento diante dos acontecimentos do período, muitas vezes impossibilitado de algum tipo de ação, conforme os versos 7 e 8:

Estou vivendo idéias que por si já são destinos  
E não escolho mais minhas visões.

A partir dessa consciência individual de que nada pode fazer para atenuar o sofrimento desse período de mudanças políticas, econômicas e sociais, o enunciador, sobretudo a partir do verso 13 da segunda estrofe, aparece assumindo um arrependimento, como se também dele, diga-se também o povo brasileiro, fosse a culpa por todo aquela conjuntura, como podemos perceber nos versos 14 a 16:

Eu digo que os séculos todos  
Se atrasaram propositalmente no caminho  
Me esperaram, e puxo-os agora como boi fatal.

A metáfora do movimento/repouso dos séculos, nesses versos, evidencia a culpa que o enunciador carrega, uma culpa demasiadamente pesada, trazida de vários séculos errantes, de várias falhas dos governantes e castas. Nos versos 21 e 22 dessa mesma estrofe, o enunciador deixa claro sua consciência sobre todos os danos que ainda serão causados pela situação, como um homem sóbrio, consciente da guerra capitalista, da briga pela hegemonia do poder e da economia.

Temos, por fim, na terceira estrofe, a previsão do que se sucederá após o fim da crise: a grande decadência da economia, o grande índice de desemprego e a eclosão da Segunda Guerra. Lafetá chama a atenção para o “toque profético que é quase inacreditável” (1986, p.30), mostrando a “sintonia que os poetas mantêm com a história” (1986, p.30). Sobretudo nesses versos, a leitura sócio-histórica faz-se relevante, pois aqui, como propõe Antonio Candido ao discutir seu método de análise, os elementos exteriores se tornam parte da estrutura interna do texto.

No poema de Mário de Andrade, do subterrâneo da noite emergem muitos problemas sociais que afetam a coletividade. A crise econômica atinge os moradores de países subdesenvolvidos, causando-lhes a mudança ilegal para países de melhor posição econômica, em busca de melhoria de vida: “Havemos de ver muitos manos passando a fronteira” (verso 5).

Durante a crise, nos Estados Unidos, “o desemprego em massa produziu cenas macabras como as enormes filas de sopas – conhecidas como Marchas da Fome

– em bairros operários onde as fábricas estavam totalmente paradas” (CHOMA, 2008). É o que se verifica em “Haverá pão grátis muito duvidoso” (verso 6). A partir deste verso sobre o pão, até o último do poema, o enunciador descreve um cenário de guerra, da guerra que estava por vir, onde milhões de jovens brasileiros aguardavam o chamado. Os homens iriam compartilhar a possível juventude efêmera em discussões calorosas nos alojamentos da guerra. As mulheres, voluntárias para trabalhar nas enfermarias, também fariam parte do cenário:

As salas de improviso se encherão de discussões apaixonadas,  
Mortas no dia seguinte em desastres que não sei quais (estrofe 3, versos 7 e 8)

Será humano e será também terribilíssimo...  
Só há de haver mulheres que não serão mais nossas mulheres (estrofe 3, versos 10 e 11).

E os homens morrerão violentamente  
Antes que chegue o tempo da velhice (estrofe 3, versos 13 e 14).

A dor, o cansaço, o temor, todas as sensações expressas são intensificadas ao longo do poema. Para tanto, o enunciador usa termos para aumentar a proporção, tais como *fatigadíssimo*, *luz excessiva*, *milhões de séculos*, *terribilíssimo*, e prolongar a sensação, como *violentamente* e *propositalmente*. Para prolongar o silêncio, no 2º verso da 1ª estrofe, usa de nasalização, que estenderá também o zumbido de sua voz no poema que está quebrando o silêncio ao ser lido. No 3º verso, seu estado de alma *fatigadíssimo* vai se “arrastando”, uma vez que o intuito do verso é a noção do cansaço e de impotência.

O tempo do poema, sobretudo na primeira estrofe até o antepenúltimo verso da segunda, parece ser mais arrastado. Conforme Tatit, na articulação entre a temporalização do texto e seus aspectos tensivos, a intensidade pressupõe apressamento do tempo ou antecipação de algo, enquanto a extensidade propõe o adiamento do tempo ou o retardar de algo (2001, p.119). Logo, podemos dividir o poema em duas partes, considerando os aspectos de extensidade, na primeira parte, e intensidade, na última parte.

O exame dos elementos fônicos do poema corrobora para a análise da temporalização. No 5º verso da 2ª estrofe, por exemplo, o uso do fonema /v/ representa o sopro contínuo do vento, seguido de uma sensação de deslizamento que se prolonga pelos fonemas // de *talqual*: “Um frio de vento vem que me pisa talqual um contacto”. A escolha do uso da palavra *contacto* (atenção para o segundo /c/) dá uma quebra abrupta no verso, resultante da batida do contacto do vento (uso

do som de /k/).

O uso feito das reticências, já no título, começa a alongar a noite. *A esperança* (versos 11 e 12 da 2ª estrofe) demora a vir, o que pode ser percebido também pelo uso de reticências. Com essas reticências, podemos levantar o questionamento se realmente a esperança virá, ou se é algo ilusório pelo qual se espera. Como foi visto, é da noite que emerge o vir-a-ser. Em “Será que nem uma arrebentação...” (estrofe 3, verso 1), as reticências, nesse contexto, fazem o prenúncio das “catástrofes”. Essas virão certamente com a Revolução ou com o destino incerto do país, e aparecem na segunda parte do poema, sobretudo nos dois últimos versos da segunda estrofe e em toda a terceira.

Considerando a hipótese de dividirmos o poema em duas partes de acordo com os aspectos tensivos, se a primeira parte pressupõe o adiamento do tempo, obtido também com recursos fônicos, a segunda apresenta a aceleração temporal, obtida por meio de muitas recorrências de verbos no futuro do presente, em tom profético, anunciadores das mudanças que ocorrerão: *teremos, será* (quatro recorrências), *responderão, haverá, encherão, serão, morrerão*.

No que concerne à actoralização do poema, até o verso 17 da segunda estrofe, percebemos o uso contínuo do pronome *eu* e suas variações *meu, me, mim* e *minha*. As sensações fazem parte deste eu, fundidas nele. Na expressão “me sinto joelho” (estrofe 2, verso 13), repetida anteriormente como “Que me sinto feito um joelho que dobrasse” (estrofe 2, verso 3), o uso da palavra *joelho*, no singular, enfatiza o indivíduo isolado em si mesmo. No verso 6 da mesma estrofe, os pronomes de primeira pessoa fazem-se mais abundantes: “Tudo me choca, me fere, uma angústia me leva”. Essa reiteração pronominal é reveladora da noção do eu solitário até o momento, perdido em suas divagações solitárias.

A partir do verso 18 da segunda estrofe, há um apelo para uma busca fraternal pelo coletivo a partir da explicitação do enunciatório do poema, marcado pelo termo *irmão*. O individual dá lugar ao coletivo, estendendo nos próximos versos com o uso do plural: *teremos, havemos, nossas*. Levando-se em conta o período em que o poema foi escrito (próximo à revolução de 30), encontramos neste coletivo a própria nação num caráter de irmandade (tido pelo uso de *irmão*).

De acordo com Lafetá, “a funda descida do poeta em si mesmo” (1986, p.30) traz em si “a procura do ‘eu’ que é ao mesmo tempo procura do ‘outro’” (1986, p.30). Assim, tanto a dimensão subjetiva como a social são atingidas nesse poema. O tom profético é destacado, mas como um prelúdio do futuro como consequência do passado. No poema de Mário de Andrade, percebemos que o poeta estaria sentindo e vendo tudo o que aconteceria, como se ele estivesse no alto visualizando o futuro

advindo dos erros do passado.

No poema como um todo, verificamos a busca do ser em si e, em seguida, pela mudança dos verbos para o coletivo, uma busca do todo (nacional). Há uma incerteza com relação ao futuro, pois este é resultado dos problemas que causaram a Revolução de 30, ou seja, é um tempo de caos, de dificuldades e de pessimismo, como apontam os dois últimos versos da segunda estrofe.

Eu sei que teremos um tempo de horror mais fecundo  
Que as rapsódias da força e do dinheiro.

Anterior à fase da produção poética que resultou em “A costela do Grão-Cão” e “Livro azul”, ambos publicados sob o título de *Poesias* em 1941, o poema de “Pela noite de barulhos espaçados...” é, tal como o título do conjunto de que faz parte, um remate dos anos da República Velha e a transformação que se deu na dormência dos anos para um período maior de crise, tanto individual como social. No poema analisado, deparamo-nos com momentos de reflexões interiores do poeta em meio à solidão na qual se encontra. Ele expressa uma dor misturada com o cansaço, que o esmaga perante algo em que ele está “dobrado”, subjugado, sem poder reagir e se livrar do mal que o aflige, tal como perturba a sociedade em que está inserido esse sujeito produtor do discurso poético.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. 6.ed. São Paulo: Livraria Martins, 1980. v.1.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 3.ed. revista. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- CHOMA, Jéferson. *A crise de 1929 e a Grande Depressão*. Disponível em <[http://www.pstu.org.br/internacional\\_materia.asp?id=9234&ida=2](http://www.pstu.org.br/internacional_materia.asp?id=9234&ida=2)>. Acesso em 20-05-09.
- LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade*: imagens na poesia de Mário de Andrade. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. pp.119-127.